

A Censura Imposta a Vigotski e seus Colegas na União Soviética entre 1936 e 1956: o decreto da pedologia

Edival Sebastião Teixeira: Professor de Psicologia do CEFET-PR/Unidade Sudoeste
Doutor em Psicologia da Educação - USP. Endereço eletrônico: edival@pb.cefetpr.br

Resumo: O artigo apresenta alguns dados a respeito do contexto e das razões pelas quais a psicologia histórico-cultural permaneceu censurada na então União Soviética, entre 1936 e 1956. Trata do processo de construção da psicologia marxista e do modo como Vigotski entendia que devia ser a apropriação do materialismo dialético pela psicologia. Na última parte, apresenta a íntegra do texto do Decreto de 1936.

Palavras-chave: Vigotski. Decreto da pedologia. Censura.

Abstract: The article presents some data regarding the context and of the reasons for which the historical-cultural psychology stayed censored in the Soviet Union, between 1936 and 1956. The text presents the process of construction of the Marxist psychology and he way as Vygotsky understood that should be the appropriation of the dialectical materialism by psychology. In the last part, it presents the whole text of the Ordinance of 1936.

Key words: Vygotsky. Pedagogy's ordinance. Censorship.

A Censura Imposta a Vigotski e seus Colegas na União Soviética entre 1936 e 1956: o decreto da pedologia

Edival Sebastião Teixeira

1 INTRODUÇÃO

Infelizmente não foram raras na história da ciência as tentativas de banimento de idéias que, de alguma forma, não aceitaram os cânones de suas épocas. Muitos pensadores pagaram demasiado caro por manterem-se fiéis a princípios derivados de descobertas feitas por eles mesmos ou por outros que, mais tarde, por força das evidências e de suas implicações se tornariam amplamente aceitos. Houve casos trágicos, como a execução de Giordano Bruno que ousou desafiar dogmas defendidos a ferro e fogo – literalmente. Outros tiveram suas obras incluídas no índice da Inquisição e outros tantos também foram presos e torturados e/ou obrigados ao silêncio. Infelizmente, fatos como esses não ficaram restritos ao medievo. O século XX também teve suas execuções, prisões e censuras para cientistas que não aceitaram verdades impostas por governos – de todos os matizes ideológicos – ou por

organismos governamentais que, supostamente, agiam em nome da liberdade e do progresso da humanidade.

E não há nenhuma garantia de que as coisas sejam diferentes no século XXI que, mal nasceu, já vê um retrocesso perpetrado pelo governo da maior potência econômica e militar atual, que determina que errados estão todos aqueles que ousam pensar de modo autônomo. Certamente a ciência também não passará incólume, ainda que os atuais mecanismos de censura sejam mais sutis, como a negação de financiamentos para determinados grupos de cientistas ou para determinados projetos de pesquisa, ou ainda por dificuldades impostas para a divulgação de resultados.

Como qualquer ciência, em todas as partes do mundo, a psicologia e seus pesquisadores não estiveram imunes aos ditames dos grupos que se revezaram no poder nos últimos cem anos. Um dos momentos mais trágicos para essa ciência, no século XX, ocorreu na então União Soviética. Através de um decreto do Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética (PCUS), determinou-se que fosse abolido o ensino da pedologia como ciência nas academias soviéticas e que fossem censuradas pela imprensa as obras sobre a teoria da pedologia, publicadas até julho de 1936. O “Decreto da Pedologia”, como é mais conhecido, tinha um alvo certo: Vigotski e todos os membros da escola histórico-cultural.

No ano de 2003, comemorou-se o centenário de nascimento de um dos mais destacados membros da psicologia histórico-cultural: Alexis Nicolaievitch Leontiev, nascido em Moscou,

no dia 3 de fevereiro de 1903. Julgamos oportuno na ocasião traduzir o Decreto da Pedologia. A versão ao português foi realizada da forma mais literal possível, porque entendemos que desse modo seríamos menos infiéis ao teor do texto base. Esse critério foi o mesmo utilizado por Golder, quando verteu o documento diretamente do russo. (Comunicação verbal, em 26 de julho de 2002).

Encontram-se disponíveis no Brasil muitos textos que mencionam e discutem a censura imposta à pedologia. Não obstante, até o momento não encontramos qualquer livro, ou outra forma de divulgação que apresente, em língua portuguesa, o conteúdo do texto oficial do Comitê Central do PCUS. No presente artigo apresentamos a íntegra desse documento²¹.

O artigo está dividido em duas partes. Na primeira, situamos o Decreto no contexto da psicologia russa dos anos de 1920 e 1930 e apresentamos o nosso entendimento de como Vigotski compreendia as implicações da filosofia marxista para a psicologia. Todavia, aí não tivemos a preocupação em detalhar o contexto no qual o Decreto foi elaborado e sancionado porque achamos repetitivo informar dados e análises que estão facilmente disponíveis em língua portuguesa e em mais de uma obra do próprio Vigotski, ou de pesquisadores da psicologia histórico-cultural. Além

²¹ Agradecemos ao Professor Mário Golder, que gentilmente autorizou-nos a publicar a presente tradução feita a partir da sua versão ao espanhol, publicada originalmente em Buenos Aires.

disso, a contextualização, da qual nos escusamos por fazer tão breve, encontra-se bem elaborada em Vygotsky: uma síntese, livro de René van der Veer e Jaan Valsiner (1996), dois dos estudiosos da psicologia vigotskiana mais conhecidos no mundo e em Angústia por la Utopía, de Mário Golder (2002), obra a partir da qual extraímos o documento do PCUS. Em relação ao modo como a psicologia histórico-cultural apropriou-se do marxismo, tratamos desse aspecto porque consideramos que o principal argumento dos ideólogos do PCUS para condenar a psicologia vigotskiana era, justamente, a consideração de que a teoria e a prática da pedologia representavam posições pseudocientíficas e antimarxistas.

Na segunda parte do artigo apresentamos nossa tradução integral do Decreto da Pedologia.

2 POR UMA PSICOLOGIA MARXISTA... A FERRO, FOGO E BOBAGENS

A expressão pedologia (paidologia) significa, literalmente, estudo da criança. Por conseguinte, era com esse nome que a psicologia infantil era conhecida e divulgada na União Soviética até 1936. A partir desse ano esse termo se tornou ideologicamente suspeito e quem o utilizasse poderia ser tachado de antiquado, na melhor das hipóteses; na pior, condenado à morte por divulgar uma pseudociência reacionária e burguesa. (VAN der VEER e VALSINER, 1996). No entanto, isso não impediu que as pesquisas sobre a

psicologia da criança continuassem avançando, embora exigisse que os cientistas criassem subterfúgios de linguagem ou mantivessem silêncio para poderem seguir com suas tarefas. (GOLDER, 2002).

As obras de Vigotski foram censuradas durante o governo de Josef Vissarionovitch Djughashvili, cujo pseudônimo adotado em 1913 era Stálin (homem de aço). Stálin assumiu o cargo de Secretário Geral do PCUS, sucedendo a Lenin (Vladimir Ilitch Ulianov), morto logo nos primeiros dias de 1924. Seu governo foi marcado pela violência em nome da defesa do socialismo. Antigos companheiros, mas que então discordavam de suas posições, foram caluniados, presos, torturados ou assassinados, ou ainda obrigados a se arrependem e confessar, publicamente, seus “crimes” contra o povo soviético.

Apesar dessa difícil situação para os psicólogos soviéticos na época, Michael Cole afirma que é um engano interpretar a inclusão do marxismo na psicologia soviética dos anos de 1920 como mero reflexo de pressões políticas. Tratava-se, antes de tudo, exatamente do contrário. Isto é, os psicólogos soviéticos estavam fazendo uma escolha deliberada, embora houvesse “incerteza e profundos desacordos, havia também entusiasmo e otimismo”. (COLE, 1992, p. 207).

De fato, Vigotski e seus colaboradores não foram os primeiros e únicos psicólogos soviéticos a tentar construir uma psicologia marxista na Rússia. A exemplo do que ocorria no ocidente,

a psicologia soviética vivia em meio a constante tensão entre as correntes idealistas e materialistas nas primeiras décadas do século XX. Os debates realizados no I Congresso Pan-russo de Psiconeurologia, realizado em Leningrado no ano de 1923, permitiram que as tensões latentes entre os psicólogos dessas duas vertentes se manifestassem. Os mais identificados com a revolução de outubro, rejeitavam tanto o idealismo de Chelpanov, que fundara e dirigia o Instituto de Psicologia de Moscou e defendia uma psicologia introspeccionista, quanto o reducionismo mecanicista de Bekhterev. (RIVIÈRE, 1988).

Nesse contexto, Kornilov, que discordava de ambos, fora hábil em apresentar sua posição como a única perfeitamente identificada com a filosofia marxista. Esse cientista defendia que a psicologia deveria estudar de forma objetiva as reações humanas em seu ambiente biossocial, mas evitando tanto o reducionismo do psíquico ao social, quanto o reducionismo do psíquico ao físico. As teses de Kornilov prevaleceram e meses depois este veio a substituir seu antigo mestre (Chelpanov) na direção do Instituto; então, “a revolução chegara ao recinto institucional da ‘pequena província’ da psicologia.” (RIVIÈRE, 1988, p. 25).

A partir de então Alexandr Romanovich Luria (21 anos) e Alexis Nicolaievich Leontiev (20 anos) que se tornariam dois dos maiores psicólogos do século XX, começaram a trabalhar naquela instituição. Em 1924, Vigotski integra o grupo.

Havia um consenso nesse grupo sobre três aspectos: a) todos concordavam que somente o marxismo era capaz de oferecer uma alternativa teórica viável para a psicologia; b) todos aceitavam que somente a formação filosófica de Vigotski era sólida o suficiente para que se pudesse analisar com profundidade a crise metodológica da psicologia; c) todos reconheciam que o único pesquisador do Instituto que possuía uma sólida formação marxista era Vigotski.

Entretanto, nos anos de 1930 o governo de Stálin se consolida e o quadro muda substancialmente. Mas já a partir de 1929, a liberdade científica na União Soviética sofrera um ataque severo. Professores e pesquisadores foram submetidos a censura, demissão, prisão ou execução. A idéia era “purificar” a ciência socialista das influências pequeno-burguesas do ocidente colocando em postos-chave, nas escolas e nos institutos de pesquisa, membros do Partido Comunista. Nesse contexto, escolas psicológicas ocidentais, como o behaviorismo e a gestalt, por exemplo, “foram condenadas por sua natureza a-histórica, abstrata e, portanto, essencialmente reacionária”. (VAN deer VEER e VALSINER, 1996, p. 405).

Não obstante, embora as diferenças entre a psicologia histórico-cultural e o behaviorismo e a gestalt sejam marcantes e profundas, Vigotski nunca deixou de reconhecer a importância dessas escolas para a psicologia. E em seus trabalhos, e em outros de importantes psicólogos soviéticos de então, encontram-se elementos derivados dessas tendências. Mas, de qualquer modo, era preciso, conforme uma resolução do PCUS, “aniquilar esses

resquícios de teorias idealistas burguesas, que eram um reflexo direto da resistência de elementos contra-revolucionários do país contra a construção socialista.” (Id.).

A obra de Vigotski certamente não é imune a críticas, como de resto a de qualquer outro cientista. Todavia, não se pode alegar, como fizeram seus críticos durante os anos de Stálin, que seus trabalhos teóricos contradizem a filosofia marxista. Pelo contrário, na obra desse psicólogo verifica-se com relativa facilidade suas análises sobre o impacto entre as forças de produção e as relações sociais no desenvolvimento das funções psicológicas superiores.

Por outro lado, o fato de Vigotski ter desenvolvido sua psicologia sob a ótica do marxismo não deve ser entendido como uma filiação dogmática e ortodoxa às idéias dos filósofos materialistas dialéticos. Com efeito, poderíamos até dizer em relação à filiação de Vigotski ao marxismo, o mesmo que Zazzo (1989, p. 184) disse em relação à filiação de Wallon:

O materialismo dialético, tomada de consciência dos procedimentos eficazes da ciência e vigilância permanente contra qualquer ideologia só admite um único postulado: a crença no mundo exterior. Para o resto, ela é somente uma direção de pesquisa, uma pesquisa atenta à derrotante lógica de tudo o que vive se desenvolve e morre. O respeito aos fatos, que aliás comanda nossa ação, é um corolário da crença no mundo exterior. Uma dialética verbal, que desempenharia um papel de contradição como uma receita, seria muito mais nociva que a lógica clássica, válida pelo menos em um certo nível de aproximação. A dialética marxista é função do real. E nada custa mais para o sábio, como para o indivíduo em sua adaptação cotidiana, que o exercício dessa função – eu repito e insisto – assim se explica, em última análise, creio, a

dificuldade da obra walloniana. O marxismo não é a trombeta de Jericó.

Zazzo (1989) disse essas palavras em carta dirigida aos psicólogos americanos em 1975, cujo objetivo era divulgar idéias wallonianas no “mundo anglo-saxão”. O psicólogo francês dizia que as descobertas de Wallon confirmavam no terreno da psicologia os princípios metodológicos enunciados por Marx e Engels. Todavia, advertia que o marxismo não deveria ser tomado como uma “etiqueta ideológica” porque isso dificultaria a compreensão da obra walloniana. Zazzo (1989) refere-se a “etiqueta ideológica” quando trata da reticência com que os comunistas franceses viam o trabalho de Wallon, antes de seu engajamento político no Partido Comunista francês em 1942.

Para Vigotski, o marxismo nunca foi a “trombeta de Jericó” nos domínios da psicologia. Por isso, em O significado histórico da crise da Psicologia, Vigotski (1991) foi bastante explícito ao criticar aqueles que pensavam estar construindo uma psicologia marxista, mas não conseguiam ir além de uma simples utilização terminológica:

[...] a única aplicação legítima do marxismo em psicologia seria a criação de uma psicologia geral cujos conceitos se formulem na dependência direta da dialética geral, porque esta psicologia não seria outra coisa que a dialética da psicologia; toda aplicação do marxismo à psicologia por outras vias, ou desde outros pressupostos, conduzirá inevitavelmente a construções escolásticas ou verbalistas e a dissolver a dialética em averiguações e testes; a argumentar sobre as coisas baseando-se em seus traços externos, casuais e secundários; à perda

total de todo critério objetivo e a tentar negar todas as tendências históricas no desenvolvimento da psicologia; a uma revolução simplesmente terminológica. Em resumo, a uma tosca deformação do marxismo e da psicologia. Esse é o caminho de Chelpanov. (VIGOTSKI, 1991, p. 388-389).

De fato, a pretensão de Vigotski ia muito além da compreensão do psiquismo elegendo um par de citações marxistas. O que desejava, disse, era “aprender *na globalidade* do método de Marx, como se constrói a ciência, como enfocar a análise da psique”; e isso implicava ir além de opiniões pontuais e na criação de um método: “mas não o materialismo dialético, e sim o materialismo histórico. ‘O capital’ tem muito a nos ensinar, porque a verdadeira psicologia social começa *depois* de ‘O capital’.” (VIGOTSKI, 1991, p. 391). Isto é, a “psicologia necessita de seu ‘*O Capital*’, seus conceitos de classe, base, valor, etc., através dos quais possa expressar, descrever e estudar seu objeto.” (VIGOTSKI, 1991, p. 389). Assim, é preciso que a psicologia opere com os princípios gerais e as categorias gerais da dialética, tal como Marx o fez em O Capital, para que se constitua como uma ciência concreta.

Mas os ideólogos do Partido se apegavam a qualquer argumento, por mais falho que fosse, para expurgar da psicologia soviética a obra e o nome de Vigotski e colaboradores. Um exemplo claro de crítica que beiraria ao ridículo, não fosse nefasta, é dado por um artigo de 1948, publicado numa revista de filosofia em Moscou. Nesse texto, sua autora sugere que Leontiev faça uma revisão geral em seu livro O desenvolvimento do psiquismo porque, dentre outros motivos, na

[...] concepção da evolução histórica da consciência individual, proposta pelo professor Leontiev se encontram numerosas opiniões discutíveis e graves deficiências, como também um certo número de juízos pessoais do autor que merecem uma crítica circunstanciada. Em seu trabalho recorre muito pouco às opiniões cientificamente valiosas de Lenin e Stálin sobre o problema da consciência; e sequer se beneficia das observações do camarada Stálin relacionadas com a matéria em estudo, especialmente as contidas na obra deste último *Anarquismo ou Socialismo?* (MASLINA, 2002, p. 162. Cursivas no original).

Outro “grave erro” de Leontiev, como também de Vigotski, foi não terem esses cientistas dado uma “justa atenção aos ensinamentos de I. P. Pavlov.” (GOLDER, 2002, p. 163). Pavlov era a glória da ciência soviética de então, embora a obra desse grande fisiologista não possa ser considerada marxista. Quer dizer, os “ideólogos” que pretendiam expurgar da psicologia os nomes de Vigotski e Leontiev não perceberam, ou melhor, não quiseram perceber a contradição em que caíram.

Além disso, Leontiev e Vigotski sempre aceitaram como válidas e corretas as teses de Pavlov a respeito das bases biológicas do psiquismo, fato claramente verificável, por exemplo, em *História do Desenvolvimento das Funções Psíquicas Superiores*, escrito por Vigotski (1931). Não obstante, Vigotski, era crítico da teoria pavloviana, sobretudo no que diz respeito ao papel dos reflexos condicionados na gênese e no desenvolvimento do psiquismo. E, embora o renomado neurofisiologista postulasse a plasticidade e potencialidade do homem diante das pressões do ambiente, o psicólogo o considerava mecanicista.

Em 1936 a pedologia e tudo a ela relacionado foi banido e censurado. Todavia, durante 20 anos as obras de Vigotski foram guardadas pelos seus discípulos que as faziam circular clandestinamente. Esses materiais se tornaram públicos somente a partir de 1956, ano em que se reeditou, em russo, o livro *Pensamento e Discurso (Linguagem)*. A partir de então, seus discípulos organizaram suas obras e estas passaram a ser publicadas.

Pela importância e potencialidade de sua obra e pelo empenho de seus discípulos, Lev Semionovich Vigotski, sobreviveu a todos aqueles que o tentaram colocar na mesma vala comum das pessoas destinadas a serem lembradas vagamente, lugar onde caberiam perfeitamente muitos daqueles que circulavam pelos corredores stalinistas, ou que faziam “ciência” conforme as regras que ditavam qual modo era o certo e qual era o errado.

Vigotski nasceu no outono de 1896, em Orsha, pequena cidade da Bielorrússia. Numa noite de verão em 1934, quando muitos talvez estavam tendo belos sonhos, o jovem Vigotski, que tivera de viver no Pale por conta de sua origem judia, morreu de tuberculose em Moscou. Tentaram-no “matar”, mais uma vez dois anos depois. Mas seus discípulos providenciaram para que seu legado tivesse continuidade. Hoje, setenta anos após sua morte, suas idéias continuam muito vivas; ainda que muitos tentem colocá-las a par e passo com outras que, com certeza, Vigotski desaprovava (refiro-me às tentativas de conciliar a psicologia histórico-cultural com outras escolas psicológicas não materialistas dialéticas).

3 A ÍNTEGRA DO DECRETO DA PEDOLOGIA

Resolução do dia 4 de julho de 1936 adotada pelo Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética: "Dos erros pedológicos nos Comissariados de Educação."²³

O Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética estabelece pela presente que o Comissariado de Educação da Federação Russa e os comissariados das demais Repúblicas Soviéticas permitiram o desenvolvimento de certos erros em seu plano de ação escolar. Estes erros foram causados pela ampla aceitação proporcionada pelas escolas aos chamados "pedólogos", concedendo-lhes u'a muito exagerada responsabilidade e designando-os para funções de maior importância na administração das escolas e na educação dos alunos. De acordo com as ordens dos comissariados, conferiu-se aos pedólogos o cargo de estabelecer as aulas, modificar e adaptar os programas escolares, dirigir todo o processo educacional com "o fim de pedologizar as escolas e os professores", determinar as causas do escasso progresso de certos alunos, dirigir a educação política, determinar a posição futura dos alunos próximos de graduarem-se em trabalhos adequados à sua vocação, eliminar os alunos incapazes de suportar suas tarefas, etc.

Criou-se nas escolas toda uma organização de pedólogos, com existência paralela ao pessoal docente e independente dos

²³ Extraído de Golder (2002, p. 151-156).

professores, mantendo seus centros administrativos em diversas clínicas pedológicas, laboratórios de distrito e departamentos de investigação científica. O trabalho de instrução e de ensino foi organizado em tais condições que os pedólogos mantiveram um completo controle sobre a atividade dos professores. Tudo isso não fazia menos que rebaixar o efetivo papel e a responsabilidade dos professores no estabelecimento de métodos de ensino e instrução prática. Isto, na realidade, conduziu de maneira inevitável a uma perda de controle na administração das escolas e necessariamente acarretou prejuízos a todo o progresso das escolas soviéticas.

Este prejuízo foi consideravelmente agravado pelo mesmo caráter e a metodologia da atividade pedológica que se levava a cabo nas escolas. A prática pedológica, que se desenvolveu por completo fora de um contato com os professores e os estudos escolares, estava basicamente fundada em experimentos pseudocientíficos e numa série interminável de insensatos e prejudiciais questionários e provas de investigação que se realizavam com os alunos e seus pais. Estes testes já foram condenados havia muito tempo por nosso Partido. Estas chamadas “investigações” científicas, efetuadas sobre um grande número de estudantes e seus pais, eram levadas a cabo principalmente com alunos que faziam progressos insuficientes ou que não se adaptavam à organização do regime escolar. Nessas investigações aplicava-se o ponto de vista bio-sociológico, considerado “científico”, para descobrir os fatores hereditários e sociais que impediam o progresso do aluno ou para pôr de manifesto as insuficiências individuais no seu comportamento

para descobrir um máximo de influências negativas e de transtornos patológicos nele, sua família, seus parentes e seu ambiente, e finalmente encontrar um meio para separar o estudante da comunidade escolar normal.

Para esses fins utilizou-se um complexo sistema de investigações relativas ao desenvolvimento mental e as aptidões do estudante, sistema que foi transportado, desprezando-se toda a crítica, desde a pedologia surgida da classe burguesa até o solo soviético. Constituindo uma completa afronta ao estudante, esta disciplina encontra-se em total contradição com as finalidades buscadas pelas escolas soviéticas e com os ditames do bom senso.

Assim, por exemplo, apresentava-se a uma criança de seis ou sete anos de idade alguns modelos, por meio dos quais determinava-se o que se chamou de sua "idade pedológica", como também o grau de sua capacidade.

Tudo isto conduziu ao fato de que um número continuamente crescente de crianças eram classificadas como mentalmente retardadas, deficientes ou "difíceis".

Desde que os alunos haviam sido "estudados" pedologicamente e classificados dentro de umas das categorias acima mencionadas, os pedólogos resolviam retirá-los das escolas regulares e distribuí-los em escolas e turmas "especializadas" para estudantes "difíceis", retardados mentais, psiconeuróticos, etc.

O Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética declara que, como resultado dessa perniciosa atividade dos pedólogos, o estabelecimento de escolas “especiais” continuou com um ritmo fortemente acelerado. Apesar da declaração do Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética em favor da criação de duas ou três escolas para deficientes, que por essa causa desorganizavam os estudos dos demais alunos, o Comissariado de Educação da Federação Russa estabeleceu um grande número de escolas “especiais”, designando-as com diferentes nomes. Um número considerável de alunos que se encontram nessas escolas são crianças completamente normais que devem ser novamente trasladados a suas escolas de origem.

Junto com essas crianças deficientes, encontramos que nas escolas “especiais” estão educando crianças talentosas e superdotadas, que de maneira indiscriminada haviam sido incluídas pelos pedólogos na categoria de “díficeis”.

No que concerne a organização do trabalho realizado em certas escolas “especiais”, este Comitê Central considera que a tarefa de instrução e educação que se cumpre nelas é completamente intolerável, lindeira com uma irresponsabilidade criminosa. Estas “escolas especiais” carecem realmente de toda supervisão. Nelas, o ensino, o programa educacional e as tarefas de instrução prática se acham confiados a educadores e professores de mais baixa qualificação. Não foram organizados trabalhos educativos sérios. Como resultado de tudo isso, um grande número de crianças, que colocadas nas condições regulares da vida escolar poderiam

adaptar-se facilmente à educação corretiva e transformar-se em estudantes produtivos, conscientes e disciplinados, adquiriram maus hábitos, tornando-se mais difícil sua correção ao serem submetidas às condições destas escolas “especiais”.

O Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética considera que uma deformação do plano de ação partidário para a educação, tal como a que se observa nos Comissariados de Educação, pode surgir somente do fato de que estes organismos estão longe das tarefas básicas e cotidianas da administração escolar e do desenvolvimento da ciência pedagógica soviética.

Somente porque os Comissariados de Educação têm sido negligentes na administração da ciência e da prática pedagógicas continuaram aceitando até o momento atual essas teorias anticientíficas, ultrapassadas e ignorantes, que têm sido condenadas pelo Partido, enquanto que o número dos que a elas aderem, os semi educados pedólogos (auspiciados pelos Comissariados), foi crescendo de forma vertiginosa.

Os Comissariados têm descuidado lamentavelmente da tarefa de formular de maneira correta um enfoque do problema da educação da geração jovem. Esta circunstância, unida à ignorância de vários de seus administradores, decorre do fato de que no sistema educacional, a pedagogia fora condescendentemente descrita como “disciplina empírica” ou “pseudocientífica”, enquanto que as propostas vagas, difusas e expressas de forma indefinida da assim chamada pedologia, com todas suas tendências antimarxistas,

foram proclamadas como ciência universal destinada a guiar todos os aspectos do ensino e da instrução prática, inclusive do ensino aos que se dedicam a ensinar.

Somente por esse torpe descuido no desenvolvimento da pedagogia soviética pode explicar-se o fato de que não se tenham desenvolvido ou generalizado as experiências extensas e variadas de um grande número de pessoas que haviam trabalhado nos problemas escolares. Como conseqüência, a pedagogia soviética encontra-se relegada ao segundo plano nos Comissariados da Educação, enquanto se proporciona aos representantes da pedagogia contemporânea amplas oportunidades para propagar critérios prejudiciais, pseudocientíficos e para realizar sobre as crianças, em grande escala, experimentos mais que duvidosos.

O Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética condena a teoria e a prática da pretensa pedagogia contemporânea, considerando que tanto uma como outra representam posições pseudocientíficas e antimarxistas. Estas posições apóiam-se, sobretudo, na "lei" fundamental da pedagogia contemporânea, isto é, a que estabelece que o desenvolvimento da criança depende de fatores biológicos e sociais, consistentes na influência da herança e de uma espécie de ambiente imutável. Esta "lei" profundamente reacionária encontra-se em completa contradição com o marxismo e com a prática de sua construção socialista, que na atualidade está reeducando com todo êxito o povo no espírito do socialismo e aniquilando os restos do capitalismo que ainda persistem na economia e na consciência da comunidade.

O Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética declara que tal teoria somente podia aparecer como resultado do traslado irreflexivo à pedagogia soviética dos critérios e dos princípios da anticientífica pedagogia burguesa, que tem por finalidade a conservação da classe dominante e que, portanto, se propõe demonstrar que a posse de aptidões e direitos especiais justificam a existência de classes exploradoras e de "raças superiores"; enquanto que, por outro lado, tem a tarefa de provar que a classe trabalhadora ou as "raças inferiores" estão condenadas à ruína física e emocional. Este traslado dos princípios da ciência burguesa à ciência soviética é tanto mais prejudicial por estar encoberto por uma "fraseologia marxista".

Este Comitê Central considera que o estabelecimento de uma ciência marxista no que diz respeito ao desenvolvimento e à instrução da infância somente será possibilitado pela rejeição dos precipitados princípios anticientíficos da atual assim chamada pedagogia e pela severa crítica a seus teóricos e aos que a aplicam na prática. Dita ciência deve desenvolver-se sobre a base de uma restauração da pedagogia como ciência, com os professores na qualidade de porta-vozes e propagadores.

Este Comitê Central resolve que:

A pedagogia e os pedagogos sejam restabelecidos no gozo de seus plenos direitos.

Ponha-se término à conexão dos pedólogos com as escolas e que sejam suprimidos todos os livros de teor pedológico.

Proponha-se ao Commissariado de Educação da Federação Russa e das outras repúblicas que investiguem as escolas “especiais” para crianças inadaptadas e que transfiram a maior parte dessas crianças às escolas comuns.

Reconheçam-se como incorretas a resolução do Commissariado de Educação da Federação Russa sobre a organização do trabalho pedológico e a resolução da Comissão de Educação Soviética da federação Russa de 7 de março de 1931 denominada: “Organização do trabalho pedológico da república”.

Seja abolida o ensino da pedologia como ciência especial nos Institutos de Pedagogia e nas Escolas Técnicas.

Sejam censuradas pela imprensa as obras publicadas até esta data sobre a teoria da pedologia contemporânea.

Os pedólogos que exerciam sua profissão sejam transferidos como professores, se assim o desejarem, ao campo da pedagogia.

O Commissariado da Federação Russa fica obrigado a apresentar ao Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética, dentro do término de um mês, um informe completo acerca de seus progressos no cumprimento destas resoluções.

Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética, 5 de julho de 1936

4 REFERÊNCIAS

COLE, Michael. Um retrato de Luria. In: LURIA, A. R. **A construção da mente**. São Paulo: Ícone, 1982, p. 193-228.

GOLDER, Mário. **Angustia por la utopía**. Buenos Aires: Ateneo Vigotskiano de la Argentina, 2002.

MASLINA, M. N. La crítica a Leontiev: hacia una firme adhesión al bolchevismo en cuestiones de psicología. In: GOLDER, Mário. **Angustia por la utopía**. Buenos Aires: Ateneo Vigotskiano de la Argentina, 2002, p. 157-165.

RIVIÈRE, Angel. **La psicología de Vygotski**. Madri: Visor, 1988.

VAN DER VEER, René; VALSINER, Jan. **Vygotsky: uma síntese**. São Paulo: Loyola, 1996.

VYGOSTKI, Lev Semionovicht. El significado histórico de la crisis de la psicología: una investigación metodológica. In: VYGOSTKI, L. S. **Obras escogidas**, tomo I. Madrid: Visor/MEC, 1991, p. 257-413.

ZAZZO, René. **Onde está a Psicologia da criança?** Campinas: Papyrus, 1989.